

S. Lourenço de Alvelos

ALVELOS, orago S. Lourenço, dizem que tomara este nome do solar dos Alvelos que aqui existiu, família nobilíssima da qual procedem as maiores casas de Espanha e muitos varões ilustres de Portugal.

É apelido actualmente pouco usado, por os seus descendentes deixarem este para tomarem outros.

Diz o conde D. Pedro que os Alvelos fizeram honrados casamentos, aliando-se com as principais famílias de Portugal.

E assim foi: Rodrigo Alvelos casou com D. Mafalda Alonso, bisneta do conde D. Mendo Sousão, da grande casa dos *Sousas*; Martim Anes Alvelos, pai de D. Vasco Martins Alvelos, que foi bispo da Guarda em 1302, casou com D. Elvira Mendes, filha de Mem Gonçalves da Fonseca, tronco dos *Fonsecas*; Gonçalo Mendes Alvelos casou com D. Maria Gil, filha de Gil Fagundes, tronco dos *Fagundes*, e neta materna de Vasco Martins Sorrão, chefe dos *Mouras* e como estes muitos casamentos e alianças se deram com outras famílias.

Ora estas ligações de famílias efectuaram-se já há muitos séculos e é ver o leitor o sangue de Alvelos que vai por aí fora, por quase todos os velhos solares de Portugal.

Homens deste apelido obraram acções de valor, principalmente na Ásia, em serviço do rei.

Gonçalo Pires Alvelos serviu, no vice-reinado de D. Constantino de Bragança, nas guerras de Malabar; Sebastião Gonçalves Alvelos foi um dos capitães que com galhardia defendeu Bracalôr e que em 1595 comandou uma das naus que do reino partiu para a Índia.

A Fernando Álvares Alvelos, escudeiro armado por Lopo Dias de Azevedo, deu D. João I as terras de Riães, Chaves, pelos seus serviços, e a João Rodrigues Alvelos mandou D. João III inscrever no catálogo dos Fidalgos da sua Casa.

Os Alvelos procedem por varonia dos reis de Leão, por Pedro Anes Alvelos, que foi filho de João Martins Salça e este de Martim Moniz, o que morreu corajosamente atravessado em uma porta do castelo de Lisboa, quando da tomada daquela cidade aos mouros por D. Afonso Henriques.

Outros é certo dizerem que o sobredito João Martins Salça, irmão de Pedro Martins da Torre, era filho de Martim Moniz, neto de Moninho Osores e bisneto do Conde D. Osório de Cabreira.

Isto ainda não está bem averiguado visto as falhas que há no Registo Civil daquela época.

O poeta, porém, diz:

«De Baguim Martins Soares
A Martim Martins gerou,
Alvelos que se chamou
Esforçado como Páris
D'onde Alvelos ficou».

E contentemo-nos com isto!

Alvelos vem de *Albellus*, nome gótico.

Existiu nesta freguesia um convento de freiras beneditinas, muito antigo, que o Arcebispo de Braga suprimiu

em 1480, passando as rendas para a Mitra por Bula do Papa Xisto IV.

Não custa a acreditar que esta freguesia, e talvez outras, pertencesse ao Couto deste convento, pois geralmente as terras anexas aos mosteiros beneditinos eram privilegiadas, e que mais tarde, depois da sua extinção, passassem para o de Vilar de Frades (1).

E assim a apresentação dos seus Abades, que primitivamente devia ser daquele convento, extinto ele, passou com todas as rendas para a Mitra de Braga, ficando o Arcebispo a ser o seu Padroeiro até 1834.

A antiga Igreja Matriz existiu fora do Adro da actual, um pouco ao poente desta, do lado sul da Residência Paroquial, restos esta do edifício do seu velho mosteiro.

Esta Igreja, antigo templo conventual, arruinada, insalubre e insuficiente à população, foi arrasada em 1870 e logo edificada a actual, alta, espaçosa e airosa, encostada a sua fachada a uma desenhada torre para os seus sinos e relógio.

Em frente estende-se um amplo terreiro que vem até à Estrada, no fim do qual, do outro lado da mesma, ergue-se a pequenina *Capela de Nossa Senhora das Dores*, com seu alpendre, sede da Confraria do mesmo nome.

Esta confraria foi fundada em 1756, com estatuto aprovado em 1831.

Ao nascente desta capela, ao cimo de um alto escadório, está o Cemitério Paroquial, cujo portão ostenta a data de 1893.

Ao sul, do mesmo lado da Estrada, vê-se a *Capela de Santa Cruz*, levantada com esmolas no ano de 1840.

(1) Pinho Leal no seu «Dicionário» vol. I, v. «Alvelos» diz que esta freguesia pertenceu ao Couto de Vilar de Frades.

É um bem aconchegado templozinho com seu torreão a faciar a fachada.

Ao poente da Igreja Matriz, do outro lado do rio, existe a pequenina e velha *Capelinha do Socorro*, pertencente ao Snr. António Vasconcelos Bandeira de Lemos.

Além daquela confraria das Dores há mais a Confraria do Sacramento, que funciona na Igreja Paroquial, com estatuto aprovado em 1734.

É servida esta freguesia pela Estrada Municipal n.º 5, que de Barcelos vai às Fontainhas e por outra municipal que partindo daquela no lugar do Areal, da freguesia de Barcelinhos, passa pelos lugares do Souto das Freiras, Barbeira e Pinheiro, vai por Remelhe às Carvalhas e Chorente e daí com ramificações para outras estradas.

É atravessada pelo Rio dos Ameais, a que chamam aqui Rio de Moinhos.

As suas Fontes Públicas são: a da Devesa, a da Igreja, a de Lamações, a do Pinheiro, a da Presa e a de Rio de Moinhos.

Situada em vale fértil, confronta ao norte com Barcelinhos e Carvalhal, ao poente e sul com Pereira e ao nascente com Remelhe e Gamil.

Vem esta freguesia nas Inquirições de D. Afonso II e nelas se vê que Várzea tinha VI casais e testamentos, os quais estavam isentos de foros e dádivas, o que não sucedia aos outros que pagavam voz e calunia e fossadeira.

No censo da população de 1527 vem esta freguesia no «Jullguado de Farya» com 49 moradores; no século XVII tinha 90 vizinhos; no século XVIII tinha 95 fogos; no século XIX tinha 539 habitantes e pelo último censo da população tem 748 habitantes, sendo 333 do sexo masculino e 415 do sexo feminino, sabendo ler 131 varões e 54 mulheres.

Esta população agrupa-se nos seguintes lugares habitados: Quinta de Alvelos, Carreira, Pinheiro, Paço, Presa, Igreja, Devesa, Giestas, Rio de Moinhos, Agra, Lavadouros, Barbeira, Souto das Freiras, Outeiro, Senhor do Galo, Socorro, Santa Cruz, Trancão, Lameiros, Sanguinhal, Preto e Rabadela.

As suas casas mais importantes são: a do Paço, a do Visconde de Azevedo Ferreira, a do Mandre, a do Gonçalves, a de Barbeira, a de Lamações, a do Carvalho, a do Grande, a dos Leitões em Rio de Moinhos, a do Miguel Gomes no lugar do Preto, a do Socorro em cujo portal tem a data 1745, e a da Rabadela.

A esta última casa andava unida a Capela do Socorro. Esta Capela é muito antiga, ignorando a data da sua fundação já porém aparece mencionada em documentos nos fins do século XVII.

Era sepultura privativa dos antepassados da família a quem actualmente pertence.

Dizem que junto à Casa do Paço existiu uma torre de paredes denegridas com portas e janelas ogivais e que foi demolida no século XVII.

Tem duas Escolas, uma para cada sexo, criadas por iniciativa do grande benemérito Visconde de Azevedo Ferreira, as quais foram inauguradas em 21 de Junho de 1891 e o edifício para as mesmas, mandado fazer por aquele bemfeitor, foi entregue à Câmara Municipal em 1907.

Tem caixa do correio.

A sua indústria compreende vários moinhos de farinar, engenhos de cerrar madeira e a indústria típica de fazer jugos para bois e rodeiros para carros de lavoura.

O seu comércio é constituído por três lojas de mercearia.

Das pessoas mais importantes, cujos nomes andam ligados a esta freguesia, destacaremos as seguintes:

D. Sancha Pires, filha de Pedro Garcia Galego, freira no convento de Alvelos, e uma filha de Mem Rodrigues de Quiroga e de D. Sancha Pais, que foi abadessa no mesmo convento.

Além de serem uma freira e outra abadessa, não sei das mais qualidades e virtudes destas nobilíssimas donas, que deviam ser muitas, visto a referência que aos seus nomes fazem antigos e autorizados escritores.

Antão Gonçalves Pereira, filho do Mariscail de Portugal no tempo de D. João I e senhor da Terra de Santa Maria de Feira Álvaro Pereira, foi capitão-mór do Descobrimento da Guiné e, depois de ordenado de clérigo, Abade das freguesias de Alvelos, Midões, Gual, Carvalhas e Santa Ovaya de Rio Covo, a quem me refiro quando trato desta última freguesia. Um pequeno bispado em rendimentos, enxertado no Arcebispado de Braga!

Clemente Gomes de Lemos, casou com Isabel Ribeiro de Sá, ascendentes dos Viscondes de Leiria e da família Vilas Boas de Barcelos, enviuvando, ordenou-se e foi Abade de Alvelos.

João Lourenço da Costa, «O Olhão», filho de Filipe Fernandes e de Isabel Gonçalves, tronco dos Costas de Barcelos, foi senhor da Casa do Paço desta freguesia nos princípios do século XVI.

Seus descendentes, julgando-se com direito ao Morgado de S. Francisco, Barcelos, intentaram acção que perderam. Sebastião de Sá, Mestre Escola da Colegiada de Barcelos, foi Abade de Alvelos por 1508, bem como da de Fornelos.

Dr. Diogo Pais, da Casa de Santo António de Vessadas em Barcelinhos, foi Abade de Alvelos no século XVI

e seu meio irmão Manuel Pais de Faria foi, antes ou depois dele, igualmente abade desta freguesia.

João Pais de Sampaio, da família Vilas-boas Sampaio, foi Abade desta freguesia em meados do século XVII.

O Licenciado António Pinheiro, paroquiou em 1790. João de Melo e Sá, tio de José da Cunha Sotomaior, senhor da Casa de Pereiro em S. Paio do Carvalhal, foi Abade de Alvelos até 1832.

Joaquim de Araújo Albuquerque, foi Abade desta freguesia. Às suas boas qualidades, se as tinha, juntava algumas más, como se vê de um folheto publicado em Braga em 1834 com o título «Procissão do Corpo Eclesiástico de Braga», o qual a certa altura diz:—Atrás deste virá o gigante Abade de Alvelos, murmurando e declamando contra todos os da procissão e levará o letreiro— O detrator é a abominação dos homens.

Custódio José Gomes de Vilas-boas, que passa por ser natural desta freguesia ou pelo menos de família oriunda daqui, nasceu em 1741 e faleceu em Valença (1) em 1808.

Foi Lente de Matemática na Academia Real de Marinha, governador da Praça de Valença, Brigadeiro de Artilharia e Engenheiro encarregado das obras do encanamento do Cávado.

Escreveu vários livros e traduziu outros e foi senhor da Casa do Rego, Esposende, e da do Brigadeiro, na rua José Falcão em Barcelinhos.

António Augusto Dias de Azevedo Ferreira, Visconde de Azevedo Ferreira, natural desta freguesia, partiu bem novo para o Brasil, onde adquiriu fartos haveres.

(1) O « Dicionário Portugal » dá-o morto em Valença. O Sargento M. de Vilar e os Guerrilheiros do Norte dão-o trucidado em Braga pela população; um dos companheiros na morte do General Bernardino Freire de Andrade.

Voltando à pátria foi fixar residência em Paris.
Dado às belas artes fez da sua casa um boulevard
Haussemann, um verdadeiro museu.

Foi um grande bemfeitor das casas de caridade da sua
pátria e da freguesia que lhe serviu de berço.

P.^o Cândido Manuel Boaventura Rodrigues, Abade desta
freguesia em 1897, vereador da Câmara Municipal de
Barcelos, depois Abade de Riba de Mouro, Monção, e
Presidente da Câmara Municipal daquele concelho.

Havia nesta freguesia uma família popularmente conhe-
cida pela alcunha de «Duque»>.

Na ocasião da visita de Sua Majestade D. Maria II ao
norte do País quando passava na antiga estrada real de
Famalicão a Barcelos por esta freguesia abeirou-se do coche
um seu camarista para lhe anunciar que «O Duque de Alvelos
pedia para vir à sua real presença para lhe implorar uma mercê
».

A soberana, admirada de ouvir pronunciar o nome de
um titular, cujo alvará não se lembrava ter assinado, voltou-se
para o Duque de Saldanha, que cavalgava à estribeira, e com ar
sorridente disse: «Não sabia, meu caro Duque, que tinha um
colega nestas terras»!

Apresentado o homenzinho à rainha, verificou-se que o
alvará da criação daquele título não existia na Torre do Tombo
e a mercê que ele pedia era... uma esmola.

NOTA — O relógio foi colocado na torre já na paro-
quialidade do actual Abade Snr. P.^o Augusto de Miranda, em
1914.